

Ensino Adaptativo: um Mapeamento de Perfis de Aprendizagem em Alunos da Pós-Graduação na UFN¹

Adaptive Teaching: a Mapping of Learning Profiles in UFN Graduate Students

Carlos Henrique da Costa Barreto^a; Taís Steffenello Ghisleni^{*a}; Elsbeth Léia Spode Becker^b

^aUniversidade Franciscana, curso de Publicidade e Propaganda. RS, Brasil;

^bUniversidade Franciscana, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Humanidades e Linguagens. RS, Brasil.

*E-mail: taisghisleni@yahoo.com.br

Resumo

O ensino adaptativo surge como uma das estratégias da Era Digital para a otimização do processo de aprendizagem, amparando os alunos na elaboração de percursos de aprendizagem por meio de recursos tecnológicos. Ao mesmo tempo, ele permite reconhecer o que, onde, como e quando cada um dos alunos aprende com mais facilidade, apropriando-se disto para promover um ensino voltado às habilidades específicas desse estudante. Neste artigo o objetivo é apresentar um mapeamento de perfis de aprendizagens em alunos da pós-graduação da Universidade Franciscana – UFN. A metodologia é de caráter exploratória e descritiva, seguindo como matriz a teoria de Gardner (1995) sobre as Inteligências Múltiplas e buscando a compreensão dos alunos em relação às suas aprendizagens. Foi possível inferir que a multiplicidade intelectual é uma característica atemporal do ensino para todo o corpo discente e deve ser compreendida e incorporada pelo docente na educação, assim aproveitando as habilidades individuais dos alunos desenvolvendo com eles, bilateralmente, suas áreas de conhecimento e a apropriação tecnológica da Era Digital.

Palavras-chave: Inteligências Múltiplas. Era Digital. Habilidades.

Abstract

Adaptive teaching emerges as one of the strategies of the Digital Age to optimize the learning process, supporting students in the elaboration of learning paths through technological resources. At the same time, it allows to recognize what, where, how and when each student learns more easily, appropriating this to promote teaching geared to the specific skills of that student. In this article the objective is to present a mapping of learning profiles in graduate students at the Franciscana University - UFN. The methodology is exploratory and descriptive, following the theory of Gardner (1995) on Multiple Intelligences as a matrix and seeking the understanding of students in relation to their learning. It was possible to infer that intellectual multiplicity is a timeless characteristic of teaching for the entire student body and should be understood and incorporated by the teacher in education, thus taking advantage of the individual skills of students, developing with them, bilaterally, their areas of knowledge and technological appropriation of the Digital Age.

Keywords: Multiple Intelligences. Digital Age. Skills.

1 Introdução

A forma adequada de apropriação tecnológica da Era Digital pela educação sempre foi um assunto debatido entre professores das instituições de ensino, uma vez que um leque de possibilidades ativas para se inovar foi aberto a todos os setores da sociedade graças à tecnologia. A partir disto, Guerra, Balbino e Santos (2016) explicam que é de importância à escola, como formadora de cidadãos, não permanecer distante dessas expectativas e muito menos alheia à essa realidade. Desse modo, as dinâmicas metodológicas de sala de aula ainda pautadas nos modelos mais tradicionais de ensino deparam-se com a crescente necessidade de adaptação às linguagens dos estudantes, que evolui constantemente em proporção à tecnologia e à rapidez digital. Nesse contexto, Ghisleni,

Pereira e Knoll (2020) aponta que uma compreensão sobre inserções tecnológicas e seus reflexos na vida das pessoas é igualmente importante e desafiador aos comunicadores que precisam estar atentos em como tais alterações impactam na sociedade.

Contudo, o desafio é aparentemente mais complexo do que apenas modificar um padrão vigente, já que a tecnologia não fornece apenas uma só realidade comum a todos os estudantes, mas um amplo quadro de possibilidades de desenvolvimento de habilidades e aptidões em diferentes áreas de conhecimento, que se dará de maneira individual para cada estudante em favor das suas vivências tecnológicas cotidianas. Sendo assim, deve-se compreender todas essas particularidades de aprendizado que têm se tornado cada vez mais pluralizada intelectualmente (ALONSO, 2014).

¹ Trabalho desenvolvido integrado ao projeto “As tecnologias digitais e seus impactos nos métodos de aprendizagem em sala de aula”, que investiga o modo como os recursos da era digital influenciam no ensino quando aplicados em suas metodologias.

É nesse ponto que ganha destaque uma das estratégias da Era Digital através da qual se pode trabalhar e compreender as qualidades de cada aluno estabelecendo corretamente o intermédio tecnológico entre o que já é dominado por ele com o que é bagagem de conhecimento do docente – a chamada prática de Ensino Adaptativo, uma ponte entre ambos que servirá de base para o diálogo educacional. Por sua vez, o Ensino Adaptativo pode ser entendido como uma metodologia educacional que visa, como sugere o nome, adaptar as dinâmicas e atividades de sala de aula em favor das específicas áreas de intelecto dos estudantes, e de suas referentes aptidões e habilidades (TEIXEIRA, 2015).

Por conseguinte, o presente estudo tem por objetivo geral apresentar um mapeamento dessas áreas de intelecto realizado entre alunos de pós-graduação na Universidade Franciscana, e que seguiu como matriz teórica a teoria de Gardner (1995) sobre as Múltiplas Inteligências, propriamente para servir de base à futuras implementações práticas do Ensino Adaptativo ou para novas bibliografias referentes ao tema. Por especificações, buscou-se no estudo contextualizar as premissas de Ensino Adaptativo e de Perfil de Aprendizagem na educação, e apresentar o desenvolvimento da atividade com os resultados e perfil mapeado, sem a exclusão de um olhar sobre o questionário utilizado e adaptado para o trabalho.

2 Material e Métodos

Este foi um estudo inserido na temática do cenário educacional modificado pelas inferências tecnológicas da Era Digital e suas metodologias inovadoras para fortalecer a aprendizagem contemplando as qualidades individuais de cada aluno inserido no meio. Como atividade, foi realizado um mapeamento do perfil geral de aprendizagem de uma turma do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana com 13 alunos participantes – onde verificou-se quais áreas de intelecto ou inteligência moldam esses estudantes.

À pesquisa, por envolver seres humanos em seu desenvolvimento, foi necessária avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Franciscana (CEP/UFN), conforme consta na resolução CNS/MS 510/2016, sob tais condições. Foi aprovada na instituição pelo Parecer de Nº 3.794.287 e foi executado integralmente, sem nenhuma complicação.

A pesquisa é de caráter exploratória e descritiva, uma vez que busca a compreensão geral acerca do tema para se contribuir ao esclarecimento das questões abordadas fundamentando os conceitos trabalhados, ao mesmo tempo em que “se propõe a verificar e explicar problemas, fatos ou fenômenos da vida real, com precisão possível, observando e fazendo relações, conexões, à luz da influência que o ambiente exerce sobre eles”. (MICHEL, 2009, p.44). Ademais, possui natureza quali-quantitativa, uma vez que serão considerados dados tanto numéricos, dos estudantes, quanto não numéricos,

a partir do questionário e de sua interpretação em relação com as teorias abordadas.

Conforme apontam Sales e Araujo (2018 p. 684) “para uma investigação científica que tenha como objeto o estudo da inteligência ou das inteligências, é necessário estabelecer um conceito para a compreensão do fenômeno investigado”. Sendo assim, foi definido como princípio as oito áreas de inteligência propostas por Gardner (1995) na teoria das Inteligências Múltiplas, que justamente tratam da pluralidade intelectual entre as pessoas. Para tanto, o método utilizado à coleta de dados foi o uso de um questionário Google Forms aplicado aos 13 alunos, e que foi adaptado do trabalho de Moraes (2017) – quem inicialmente utilizou tal estrutura para compreender seus alunos visando lecionar gramática em aulas de língua estrangeira.

Uma vez coletadas as 13 respostas do questionário, o método escolhido para interpretação e construção dos resultados foi a Análise de Conteúdo. Conforme Bardin (2006, p. 158), “um método que pode ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa quanto na investigação qualitativa” e que corresponde propriamente à transformação dos dados brutos (textuais, documentais, coletados, etc.) em amostras ordenadas e que permitem o cruzamento de informações para construção de interpretações e resultados reflexíveis. Por conseguinte, segue nos próximos tópicos o desenvolvimento do estudo em sua íntegra.

3 Resultados e Discussão

3.1 O Ensino Adaptativo

Considerando a ampla gama de inferências tecnológicas que a Era Digital apresenta aos diversos setores da sociedade, entram em pauta várias questões referentes aos métodos de como se apropriar dessas inovações para facilitar nossas vidas, de maneira efetiva e prática. No meio educacional, a questão central é essencialmente a de como adaptar o conteúdo em sala de aula para dialogar com os discentes através de uma linguagem na qual eles já estão bastante familiarizados (ARAUJO, 2018).

Barreto, Becker e Ghisleni (2019) consideram que essa necessidade surge ao que se percebe o quanto a tecnologia de hoje oferece aos alunos novas alternativas para desenvolver seu conhecimento e expandir suas formas de aprendizado. Isso resulta no desenvolvimento de um perfil individual próprio e bastante distinto, com qualidades, dificuldades e particularidades para cada estudante inserido no contexto de ensino aliado à tecnologia, e que faz o uso cotidiano desses recursos tecnológicos condizentes com suas habilidades específicas. Os pesquisadores consideram que este fator instiga os docentes a uma personalização das metodologias de ensino vigentes, o que vai ao encontro do argumento de Aires e Pilatti (2016, p.7) quando dizem que “com isso, além do aprendizado ser voltado ao interesse do aluno [...] o processo de ensino-aprendizagem torna-se diferenciado”.

Por conseguinte, é dessa premissa que surge o chamado conceito de Ensino Adaptativo, propriamente na ideia de contemplar as individualidades de cada estudante, e convertê-las em potencial de aprendizagem. Conforme pontuado por Tabile e Jacometo (2017) os fatores que influenciam a experiência pela qual o aluno passa durante o aprendizado são considerados de extrema importância para a absorção do conteúdo. Assim, quanto mais positiva ela for, maior será o grau de engajamento do estudante em relação ao ensino, tal como o volume de conhecimento obtido.

Prestar essa ajuda supõe então prestar aos alunos desafios acessíveis, situações novas, cuja resolução lhe coloque a necessidade de mobilizar os esquemas de conhecimento que já possuem, porém, desafios que não estejam fora das suas possibilidades ou, mais em concreto, que não estejam fora das possibilidades que a sua actividade e a do professor possam oferecer em conjunto (ALBUQUERQUE, 2010, p.58).

Por essa razão se justifica a necessidade de adaptar o ensino a uma linguagem de intelecto comum do estudante, com a qual ele se identifique e consiga alcançar o protagonismo didático. Entretanto, antes evidencia-se necessário propriamente compreender que linguagem é esta – ou seja – a maneira pela qual o aluno aprende melhor, que será empregada pelo docente visando estabelecer o diálogo e a troca de conhecimentos (MAZUROSKI JUNIOR et al, 2008), e assim entra em cena o chamado Perfil de Aprendizagem que será discorrido no seguinte tópico e trabalhado ao desenvolvimento deste trabalho.

3.2 Dados para um Perfil de Aprendizagem

Para elaborar o mapeamento de um perfil de aprendizagem, existem alguns pontos indispensáveis de se trabalhar, que servirão como base para traçar o planejamento do sistema adaptativo antes de sua execução e implementação no plano de ensino ou na dinâmica das aulas. Nessa ideia, retomando Aires e Pilatti (2016), reforça-se que existem pontos relevantes a se considerar antes da implementação de atividades adaptativas às metodologias de ensino. Na visão dos autores, é necessário ao professor um conjunto de conhecimentos sobre as linguagens dos alunos como vídeos, jogos, textos, sons, imagens e, não obstante, perceber que “precisa estar preparado para este novo desafio, no qual ele será responsável em orientar o aluno a alcançar os objetivos de aprendizagem” (AIRES, PILATTI, 2016, p.8).

Sendo assim, como primeiro passo a ser tomado está uma identificação prévia geral do perfil dos alunos, uma alternativa proveitosa para se perceber e acompanhar de perto suas necessidades ou características individuais, conforme entendido pela afirmação das autoras, já num primeiro momento. A partir desses resultados, todo o processo de ensino adaptativo poderá ser mais efetivamente pensado à linguagem de intelecto dos discentes. No entanto, que informações devem ser diagnosticadas, e qual a melhor maneira de realizar esse processo?

Considerando como base o estudo das autoras Rosatelli e Tadesco (2003) que discutiam princípios informáticos para a adaptação de sistemas à usuários, existem três dados chave à serem analisados na hora de traçar perfis, de modo a contemplar o máximo de características relevantes para futuras utilizações, como nesse caso, na adaptação de um sistema. São elas: Conhecimento prévio dos usuários sobre a dinâmica do referido sistema, os padrões de comportamento desses usuários, e os seus possíveis locais/situações de interação com o sistema.

Transpondo-os agora para o viés educacional, na adaptação de um ensino e não de um sistema, podemos enxergá-los da seguinte maneira: informações sobre as habilidades ou conhecimentos específicos que o estudante possui; informações sobre seu padrão de comportamento, costumes e familiaridades tecnológicas; e ainda, quais serão seus momentos e locais de interação com o ensino adaptativo. Respectivamente, o primeiro dado para saber como contemplar o estudante da melhor maneira, pelo conteúdo letivo; o segundo dado para pensar estratégias de diálogo e estímulos dentro das atividades; e o terceiro dado, que servirá como norte para todo o planejamento do ensino adaptativo (ROSATELLI; TADESCO, 2003).

Somando-se, outro fator deve ser considerado pelo docente na hora de mapear o perfil de seus alunos, que são suas próprias áreas de interesse – o que nos leva de encontro à teoria das Inteligências Múltiplas, publicada pelo teórico Gardner (1995), que assim vem à luz dos estudantes inseridos no contexto da Era Digital. Segundo ele, existem oito campos específicos de conhecimento (Inteligências) entre os quais uma pessoa pode transitar intelectualmente ou desenvolver afinidade por sua aprendizagem, em decorrência de vivências cotidianas com ferramentas, tecnologias ou atividades a eles relacionados (GARDNER, 1995). Segue na Figura 1 um infográfico que melhor os descreve, para compreensão geral.

Figura 1 – As 8 Inteligências Múltiplas propostas por Gardner (1995)



Fonte: UFRB (2017).

Através da compreensão e sintetização dessas informações, é possível relacioná-las com as melhores maneiras de trabalhar as particularidades dos alunos, assim

iniciando um perfil de aprendizagem para cada um. É notável o quanto perfis de aprendizagem apontam certos padrões de afinidade por áreas específicas, por comportamentos, ou mesmo, por familiaridades tecnológicas – um agente facilitador nessa etapa que pode ser usado para simplificar os perfis individuais a um só perfil geral da turma, no caso de muitos estudantes (SCHMITT; DOMINGUES, 2016). Tendo um recorte sobre as áreas de intelecto, somado às habilidades e preferências gerais dos estudantes, já é viável a elaboração do perfil de aprendizagem, ao que os docentes já dispõem de todas as informações necessárias para dar continuidade ao processo, assim partindo para o desenvolvimento e execução da atividade adaptativa.

3.3 Adaptação e Intepretação do Questionário

Primeiramente, para adaptarmos o questionário à finalidade proposta de mapear os perfis de aprendizagem, consideramos de início o exposto das autoras Rosatelli e Tadesco (2003), do tópico anterior, e, a partir de nossa transposição ao viés educacional, elaboramos 3 questões introdutórias numa primeira sessão para os alunos responderem, começando o mapeamento geral:

Quadro 1 – Questões iniciais

1) Você possui alguma habilidade específica? (Canto, desenho, escrita, instrumentos...etc.).
2) Que aparelhos eletrônicos você mais utiliza diariamente?
3) Em que local você mais se sente à vontade para aprender e estudar? (Casa, sala de aula, laboratórios, ar livre... etc.).

Fonte: Dados da pesquisa.

Após respondidas estas questões, os alunos então são levados à segunda etapa do questionário, que foi dividida em oito sessões – uma para cada inteligência – com questões de múltipla escolha sobre hábitos referentes a elas e cujas respostas poderiam ser optadas entre “Nunca se aplica”, “Raramente se aplica”, “Regularmente se aplica” e “Sempre se aplica”. Muitas das formas de escrita (ou mesmo questões inteiras) foram adaptadas da versão original de Morais (2017) pois seu trabalho se constava em português nativo de Portugal, ao que também acrescentamos uma descrição sobre cada inteligência bem como sobre os interesses comumente manifestados pelas pessoas que as possuem, ajudando a situar os participantes.

Tendo esta estrutura, o questionário foi apresentado no *Google Forms* durante horário de aula aos discentes e então respondido, como atividade. Com sua aplicação, foram coletadas 13 respostas – uma por participante – todas armazenadas individualmente, tal como também salvas coletivamente nos gráficos disponibilizados pela ferramenta, para se estabelecer o mapeamento de um perfil a partir da análise geral.

Na primeira sessão do questionário, ainda na primeira pergunta, foram observadas quatro habilidades específicas que, numa projeção inicial já é capaz de apontar três áreas das

Inteligências de Gardner: Escrita e Leitura, compreendidas em conjunto na Inteligência Linguística; Música, através de violão e canto, para Inteligência Musical; e Desenho, para Inteligência Espacial – Visual. Avaliando, este fator inicial é significativo e de relativa presença num curso que mescla aptidões com saberes tanto das áreas de Humanas quanto de Sociais, um cenário onde normalmente se despertam diferentes formas criativas de criar e de expressar (NAKANO, 2010).

Na segunda pergunta, sobre os aparelhos mais utilizados diariamente, a resposta principal foi em unanimidade o celular. Alguns participantes também informaram o uso de *tablets*, *notebooks* e até *Ipads*, mas todos apontaram o próprio *smartphone* como a principal ferramenta cotidiana para executar tarefas. Esta característica, já por sua vez aponta um padrão de comportamento propriamente conforme seguimos da ideia de Rosatelli e Tadesco (2003) levantada no tópico de Perfil de Aprendizagem, que nesse caso – para este trabalho – é o uso do específico aparelho. Desse modo, conforme apontamos este fator como parte do perfil da turma para a elaboração de atividades relativas ao Ensino Adaptativo, concordamos com autores como Lopes e Pimenta (2017) e, mais recentemente, Rodrigues e Teles (2019) em cujos estudos também mapeiam a importância do emprego de ferramentas tecnológicas como recurso pedagógico, como por exemplo o uso do celular em sala de aula e serviços mensageiros afins.

Na terceira e última pergunta da primeira sessão, as respostas dos discentes referentes ao local mais preferido para estudo e aprendizagem foram diversificadas: 8 respostas afirmavam sobre apenas a casa ser esse ambiente; 4 respostas afirmavam não ter preferência, apontando quaisquer locais como casa, laboratório acadêmico, ambiente de trabalho ou sala de aula bastarem como ideais para as referidas atividades; E apenas 1 resposta informava a preferência somente pela sala de aula. Por um viés científico, essas diversificadas opções pelo local ideal de estudo também entram em acordo com as múltiplas formas de aprendizado no Ensino Adaptativo, uma vez que para os docentes

Conhecer e identificar o estilo de aprendizagem dos estudantes de sua sala, servirá como uma atividade facilitadora desta tarefa, pois, suprido com este conhecimento, o professor tenderá a apresentar os conteúdos do currículo aos seus estudantes, considerando a forma como estes aprendem, bem como sua interação no processo ensino-aprendizagem (SALDANHA; ZAMPORIN; BATISTA, 2016, p 5).

Partindo então, para a segunda etapa do questionário, já especialmente destinada a identificar as inteligências múltiplas da Teoria de Gardner (1995), os gráficos foram analisados e tomados para coleta conforme o seguinte quesito: considerando o pico “Sempre se aplica” com pelo menos 6 recorrências, com mais da metade das respostas, ou quando este e “Regularmente se aplica” se encontravam em maioria, com relação aos demais. Sendo assim, todos os gráficos foram salvos a partir do *Google Forms* em uma única planilha, mas separadamente e sem misturá-los, para facilitar a análise.

De início já foi imediatamente possível identificar a Inteligência Espacial – Visual como a área contendo o maior número de picos mistos, sendo deles, 9 das 10 questões em “Regularmente se aplica”, e ainda, 1 de “Sempre se aplica”. As respostas, assim, se dividiam balanceadamente nas questões² de: 1) capacidade de visualização de imagens claras através de olhos fechados; 2) sensibilidade à variações de cores e formas; 3) clareza de imagens através de sonhos ou pensamentos; 4) facilidade de orientação em locais desconhecidos; 5) preferência por “planificar” estudos e aprendizagens através de esquemas ou desenhos; até, coisas mais corriqueiras do dia-a-dia e do lazer como: 6) imaginar histórias e lugares através de leitura; 7) conceber diferentes perspectivas de objetos sem a necessidade de movimento; 8) prestar mais atenção ao que se vê do que ao que se ouve, em filmes; 9) lembrar mais de rostos do que de nomes; e 10) não ter problemas em coordenar cores e decorar espaços.

Em síntese, são aptidões e preferências detectadas mutuamente entre esses discentes sobre tudo aquilo que diz respeito às formas e imagens, tal como às esquematizações e planificações referentes aos mais diversos aspectos do mundo, do trabalho e do estudo. Por um viés científico mais comprobatório, a autora Ferreira (2004, p. 97) sintetiza que “cabe, portanto, à inteligência espacial a capacidade de reconhecer um objeto, [...] de ele se transformar [...] de evocar mentalmente estas formas, de transformá-las e de reproduzi-las graficamente”.

Verificando, em teoria, a fala da autora mostra um fator que didaticamente convém ao ambiente do Mestrado de Ensino em Humanidades e Linguagens se consideradas as metodologias de ensino com a participação dos alunos através da leitura, elaboração e apresentação de infográficos, de esquematizações de conteúdo ou de outras atividades projetadas conforme a ideia de Ensino Adaptativo que envolvam uma abordagem contemplando a forma de inteligência identificada.

Logo em seguida vem a Inteligência Linguística, outra área identificada conforme o quesito, com 5 picos de “Sempre se aplica” e 3 de ambas “Sempre” e “Regularmente”, das 10 questões, cujas respostas se dispunham em questões como: 1) possuir uma atenção especial à livros; 2) gostar de mentalizar palavras na cabeça antes de utilizá-las na fala ou escrita; 3) preferência por passatempos envolvendo disposições de palavras; 4) gostar de usar novas palavras aprendidas, tanto na escrita como na oratória; 5) bons resultados em disciplinas de português e história, em épocas de colégio; 6) facilidade com línguas estrangeiras; 7) gosto pela escrita no tempo livre; e 8) atenção à palavras e à seus significados.

Como sugerido pelo nome do curso do referido mestrado, é concebido que a flexibilidade linguística da oratória seja uma das pré-aptidões (indiretamente) presentes em seus discentes, ainda que, conforme observamos no início desta análise, eles

tenham também relatado o gosto pela comunicação digital através dos dispositivos eletrônicos, tanto para trabalho como para aprendizado. O autor Correa (2004) *apud* Komesu e Teani (2009, p.215) aponta que:

No processo da escrita, o escrevente circula por um imaginário, socialmente partilhado, sobre a língua em suas diversas manifestações e variedades, imaginário que se particulariza para as situações específicas e concretas do uso da escrita e que se estende aos diferentes e instáveis modos de conceber a relação escrita/mundo e escrita/fala.

Justamente por esse exposto, torna-se relativamente mais complexa a tarefa de elaborar uma atividade adaptativa voltada, em exclusivo, à Inteligência Linguística, uma vez que as variações e possibilidades de desenvolvimento entram e se aprofundam muito ao pessoal de cada indivíduo, sem um padrão mais “geometricamente” definido, como na área anteriormente discutida, por exemplo, o que fornece aos docentes uma ideia muito ampla de “habilidade/aptidão linguística”. Assim – conseqüentemente – observa-se vaga e inconsistente uma proposta de atividade levando em conta, isoladamente, a Inteligência em questão.

Entretanto, num segundo momento, conforme já observava Vieira (2005), pesquisas realizadas sobre linguagem e tecnologia enfatizam a relação entre ambas como a de uma troca bilateral. Desse modo apontamos que a aptidão linguística desses discentes pode perfeitamente se aliar às suas preferências tecnológicas por dispositivos ou demais interfaces digitais, respondendo a questão de como acrescentar esta área intelectual em questão às atividades de Ensino Adaptativo. Práticas como a sintetização de conteúdos para apresentações via *podcasts*, retificação de textos para produção de microconteúdos, ou mesmo, o abastecimento recorrente de uma rede social com informações específicas de conteúdos adaptados são apenas algumas das muitas dinâmicas asseguradas pelas aptidões da Inteligência Linguística aliada à tecnologia cotidiana (SOUZA; AMARAL, 2012).

Por fim, a terceira e última área identificada – por sua vez – com o maior número de picos em relação à todas as outras, é a Inteligência Intrapessoal. Com 8 deles em “Sempre se aplica”, estas respostas se dispuseram em questões sobre: 1) gosto por passar o tempo refletindo na vida e pensando em projetos futuros; 2) hábito de falar consigo mesmo(a); 3) hábito de pensar meticulosamente nas coisas antes de agir; 4) preferência por passar o tempo sozinho(a) do que com amigos; 5) gosto por atividades que permitam o autoconhecimento; 6) não ter medo de dificuldades; 7) gosto por estabelecer metas pessoais; e 8) preferência por realizar atividades individuais – sendo esta última com apenas 5 repostas, mas ainda em pico.

Refletindo como a Inteligência Intrapessoal está estreitamente relacionada com as formas de um indivíduo agir pessoalmente e para consigo mesmo dentro de um ambiente social, e não a de como ele age no contexto geral para com

2 Tal como constam no questionário, para marcar na caixa de seleção de múltipla escolha.

os outros indivíduos – sedo esta cabível à Interpessoal – as autoras Veiga e Miranda (2006, p. 71) descrevem que “a Inteligência pode servir como um recurso pessoal que facilitaria o crescimento e o ajustamento pessoal”, o que, nesse contexto, nos infere que o discente inclinado à interpessoalidade desenvolve uma aptidão para se adequar estrategicamente com base em suas capacidades e demais habilidades frente aos objetivos propostos pelas dinâmicas metodológicas das atividades.

Em outras palavras, a Inteligência Intrapessoal de certa forma favorece uma aplicação positiva do Ensino Adaptativo, uma vez que o indivíduo consegue usar seus conhecimentos prévios de forma construtiva ao que é proposto, reconhecendo suas próprias limitações e, quando o caso, absorvendo ideias e desenvolvendo novas habilidades (GOLEMAN, 1999). Na mesma ideia, o fator em questão também sugere que são esses os indivíduos inclinados a se aprofundar nos conteúdos repassados com atividades que lhe rendam o conhecimento. Assim, pesquisas de campo, bibliográficas, ou demais investigações são dinâmicas bastante acessíveis à Inteligência Intrapessoal, conforme também propõe os autores Barbosa, Peixoto e Maia (2017) em sua tese sobre as implicações da Comunicação Intrapessoal nas práticas docentes – o que, concluindo, em nada foge da ideia de atividades de um Mestrado, como em onde foi feita toda esta pesquisa.

4 Conclusão

Após concluído o estudo pela discorrida e detalhada análise sobre cada aspecto e informação coletada da turma seguindo todas as teorias abordadas e, juntamente pelo embasamento teórico comprobatório dos autores levantados, enfim é possível responder objetivamente nossa proposta principal: a turma do Mestrado de Ensino em Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana trata-se de um grupo diverso cujo perfil de aprendizagem se compõe predominantemente pelas Inteligências Linguística, Espacial – Visual, Intrapessoal, e ainda, com a presença específica de aspectos da Inteligência Musical. Juntamente, a turma apresenta uma preferência unânime pelo uso de dispositivos digitais pessoais para executar as tarefas, tanto de estudo quanto de trabalho, assim como, por meio de tudo, manifesta o interesse mútuo pela leitura e pela escrita, não se restringindo à necessidade de estar somente num ambiente acadêmico para o estudo e aprendizagem, mas fazendo o local e a ocasião como adaptáveis.

Em outras palavras, o Perfil de Aprendizagem da turma se caracteriza pela afinidade à linguística, às imagens e formas, cores, conteúdos, contextos e, de maneira geral, aos diferentes recursos que podem ser integrados nas dinâmicas metodológicas por meio de estímulos visuais e auditivos, através de uma aplicação baseada no conceito de Ensino Adaptativo – uma proposta que se torna relativamente menos complexa após compreendidas as características pessoais dos discentes que formam o grupo de ação.

Por fim, a importância acadêmica deste estudo se verifica conforme apresentamos um método para o mapeamento de Perfis de Aprendizagem relacionando conceitos empregados no ensino, tais como a Teoria de Gardner aplicada na Era Digital, a adaptação de sistemas e coletas de dados relevantes, com ferramentas gratuitas e acessíveis aos docentes como o Google Forms e a mecânica de questionários em geral. Ademais, uma vez exposto este método e, coletados os resultados, abrem-se as possibilidades para ramificações de bibliografias referentes ao tema do Ensino Adaptativo que, mesmo sendo atual ao período de realização, ainda não possui um amplo aprofundamento teórico.

A resolução deste estudo comprova sua fala pela exposição das múltiplas áreas de conhecimento presentes no Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens cujo perfil mapeado expõe as possibilidades docentes em práticas de Ensino Adaptativo em conjunto de respectivas tecnologias de afinidade dos alunos.

Por último, e não menos importante, considerando o atual contexto de pandemia onde se fazem as finalizações deste trabalho, também concluímos o modo como a construção do Perfil de Aprendizagem desta turma do mestrado pode viabilizar aos docentes do curso um planejamento mais efetivo das aulas remotas por intermédio de tecnologias afins das áreas de conhecimento mapeadas para contornar as adversidades em cenários atípicos contemplando as aptidões de cada aluno em perfeito diálogo com a Teoria de Gardner no Ensino Adaptativo e demais conceitos levantados na pesquisa.

Referências

- AIRES, J.P.; PILATTI, L.A. Aprendizagem significativa por meio do ensino adaptativo. *Rev. Espacios*, v. 37, n. 29, 2016.
- ALBUQUERQUE, C. Processo ensino-aprendizagem: características do professor eficaz. *Millenium*, v. 39, p.55-71, 2010.
- ALONSO, K.M. et al. Aprender e ensinar em tempos de Cultura Digital. *EmRede*, v.1, n.1, p.152-168, 2014.
- ARAÚJO, M.S. Ensino-aprendizagem com tecnologias digitais na formação inicial de professores de inglês. *Trabalhos em Linguística Aplic.*, v.57, p.1590-1614, 2018. doi <https://doi.org/10.1590/010318138652590396471>.
- BARBOSA, I.; PEIXOTO, M.; MAIA, D. A comunicação intrapessoal e interpessoal na prática de professores: contribuições aos saberes docentes. *Rev. Areté*, v.5, n 9, p.01-13, 2017.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BARRETO, C.H.C.; BECKER, E.L.S.; GHISLENI, T.S. Gamificação: uma prática da educação 3.0. *Res. Soc. Develop.*, v.8, n.4, p 1 -21, 2019. doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v8i4.942>.
- CORRÊA, M.L.G. O modo heterogêneo de constituição da escrita. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FERREIRA, B.W. A teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner. RODRIGUES, B.E. *Psicologia e educação: fundamentos e reflexões*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.89-104, 2004.
- GARDNER, H. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto

Alegre: Artmed, 1995.

GHISLENI, T. S.; PEREIRA, V.K.R.; KNOLL, G. F. A nova era da comunicação: publicidade e propaganda no contexto das mídias sociais. *Rev. Observatório*, v. 6, n. 6, 2020. doi: <https://doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2020v6n6a14pt>.

GOLEMAN, D. *Trabalhando com a inteligência emocional*. São Paulo: CIA das Letras, 1999.

GUERRA, F.F.; ALBINO, C.A.S.; SANTOS, A.C.A.S. Processos individuais de apropriação tecnológica e pedagógica: uma análise de narrativas pessoais. *Rev. @rquivo Bras. Educ.*, v.4, n.8, p.39-49, 2016. doi: <https://doi.org/10.5752/P.2318-7344.2016v4n8p39>.

KOMESU, F.C.; TENANI, L.E. A relação fala-escrita em dados produzidos em contexto digital. *Scripta*, v.13, n.24, p.203-217, 2010.

LOPES, P.A.; PIMENTA, C.C.C. O uso do celular em sala de aula como ferramenta pedagógica: Benefícios e desafios. *Cad. Estudos Pesq. Educ. Bás.*, v.3, n.1, p.52-66, 2017.

MAZUROSKI JUNIOR, A. et al. Variação nos estilos de aprendizagem: investigando as diferenças individuais na sala de aula. *ReVEL*. v. 6, n. 11 2008.

MORAIS, I.M.S.A. A aplicação da teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner como proposta didática para a prática de gramática nas aulas de língua estrangeira. Porto: Universidade do Porto, 2017.

NAKANO, T.C. et al. Estilos de pensar e criar em universitários das áreas de humanas e sociais aplicadas: diferenças por gênero e curso. *Psicol. Teoria Prática*, v.12, n.3, p.120-134, 2010..

RODRIGUES, T.C.; TELES, L.F. O uso de mensagens eletrônicas instantâneas como recurso didático. *Rev. Bras. Estud. Pedag.*, v.100, n.254, p.17-38, 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i254.3456>.

ROSATELLI, M.C.; TEDESCO, P.A. Diagnostico o usuário para criação de sistemas personalizáveis. In: CONGRESSO DO SBC; JORNADA DE MCIA, v.1, n.3, p. 153-201, Porto Alegre: Rio Grande do Sul, 2003.

SALDANHA, C.C.; ZAMPORINI, E.C.B.; BATISTA, M.L. *Estilos de aprendizagem*. Semana Pedagógica, 2º semestre, 2016. Curitiba: SEED/PR, 2016.

SALES, L.M.M.; ARAÚJO, A.V. A teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner e o ensino do direito. *Novos Estudos Juríd.*, v.23, n.2, p.682-702, 2018.

SCHMITT, C.S.; DOMINGUES, M.J.C.S.; *Estilos de aprendizagem: um estudo comparativo*. Avaliação, v.21, n.2, p.361-385, 2016. doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772016000200004>.

SOUZA, M. I.F.; AMARAL, S.F. Microconteúdo para ambiente virtual de aprendizagem móvel: modelo de produção baseado nas matrizes da linguagem e pensamento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 2012..

TABILE, A.F.; JACOMETO, M.C.D.; Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso. *Rev. Psicoped.*, v.34, n.103, p.75-86, 2017.

TEIXEIRA, K.L. *Contribuição do ensino adaptativo para aprendizagem de conceitos matemáticos*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2015.

VEIGA, E.C.; MIRANDA, V.R. A importância das inteligências intrapessoal e interpessoal no papel dos profissionais da área da saúde. *Ciênc. Cognição*, v.9, 2006.

VIEIRA, I.L. Tendências em pesquisas em gêneros digitais: focalizando a relação oralidade/escrita. In: ARAÚJO, J.C.; BIASI-RODRIGUES, B. *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.p.19-29.